

O CONTRIBUTO DOS JESUÍTAS PARA O POVOAMENTO DA REGIÃO PLATINA

Ana Maria de Azevedo (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Ao abordar a Presença Portuguesa na Região Platina teremos sempre que referir a influência dos Jesuítas. A construção do Brasil está ligada a “esses homens” desde o momento da sua chegada, na segunda metade do século XVI, com o primeiro Governador-Geral, Tomé de Sousa, até à sua expulsão no segundo quartel de setecentos. E, no caso concreto desta região sul do continente americano, os Jesuítas ao buscarem a salvação dos indígenas, contribuíram, devido ao conhecimento adquirido sobre o território e os seus habitantes, para que os colonos portugueses pudessem estabelecer-se no litoral de Santa Catarina alguns anos mais tarde ¹.

Os Jesuítas chegaram ao Brasil em 1549. Desembarcaram no recôncavo baiano. Eram um pequeno grupo de seis religiosos dirigidos pelo Padre Manuel da Nóbrega². Vinham imbuídos da missão de converter os gentios à fé católica, e por isso sentiam-se como Paulo, o apóstolo dos gentios do tempo bíblico. Foram logo distribuídos pela costa litorânea do território brasílico. Um desses companheiros, Leonardo Nunes foi enviado para o Sul para a vila de São Vicente, o primeiro núcleo lusitano no Novo Mundo, instalado em 1532, por Martim Afonso de Sousa, naquela que foi a primeira viagem de “delimitação do litoral brasileiro”. Viagem que, segundo as directrizes régias de D. João III, penetrou, precisamente, neste Rio da Prata, onde no decurso da sua permanência na ilha das Palmas (actual Gorriti ou Maldonado), no estuário deste rio, o Governador da Terra do Brasil procedeu a meticulosas observações da “altura dos lugares” efectuadas por processos astronómicos ³. Nos últimos dias de

¹ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *Jesuítas, Portugueses e Espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais*, São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003, p.7.

² O grupo de Jesuítas era formado pelos Padres Manuel da Nóbrega, como superior, Leonardo Nunes, António Pires e João Azpicuelta Navarro e dois irmãos, Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.

³ Cfr. Pedro Nunes, «Tratado sobre certas duvidas da navegação...», in *Obras*, vol. I, Lisboa, 1940, (1537), p. 159.

1531, Martim Afonso de Sousa deu por encerrada a missão da esquadra na bacia hidrográfica platina e rumou em direcção a São Vicente. Um dos motivos que tem sido encarado por alguns historiadores como um dos factores que levaram a esta decisão, foi, tal como sucedera anos antes, em 1528, com Diogo Garcia, as tempestades platinas que se fazem sentir neste local, devido ao fenómeno das “refergas”, golfes violentos de vento contínuo.

Esta intenção de “caminhar” e ficarem-se no sul é patente desde essa época, e torna-se mais evidente com a presença do Governo-Geral, que em missão de inspecção pela costa, vai até São Vicente, em 1553. Acompanham-no o Padre Manuel da Nóbrega, mais os Jesuítas que chegaram em 1554, entre os quais se destaca o jovem José de Anchieta, que vão com a intenção de expandir a sua acção missionária pelo sertão e pelo litoral.

Os Jesuítas iam avançando para Sul com o objectivo que os mantinha desde o momento da chegada, a ânsia de catequizar os ameríndios e, ao mesmo tempo, de os salvar dos vicentinos que atacavam as costas do território em busca de escravos. Os inacianos iam estabelecendo contactos com os Índios e descrevendo a região através das suas cartas que continham informações fundamentais para o conhecimento da terra e gentes do território. São fundamentais as Informações dos Padres Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e Fernão Cardim, entre muitas de outros nomes marcantes da presença jesuítica no território da Província de Santa Cruz, mais tarde denominada de Brasil.

A criação da Prelazia do Rio de Janeiro, em 19 de Julho de 1576, estabelecendo, como seu limite sul, este Rio da Prata – que foi mesmo mantido quando da fundação da Diocese, em 22 de Novembro de 1676 -, contribuiu significativamente para a expansão dos Jesuítas ao longo da costa sul do Brasil ⁴.

A partir dos finais de Quinhentos, os inacianos visitaram, com regularidade, o litoral do território caminhando para o Sul. De São Vicente partiram para Itanhaém e Iperuibe, onde instalaram casas, Iguape e Cananéia, atingindo o litoral de Santa Catarina no início do século XVII, e penetrando, em 1609, no interior. Estavam, no entanto, a penetrar na região dos Carijó⁵, que era um grupo de ameríndios mais

⁴ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *op. cit.*, p. 12.

⁵ Optou-se por utilizar sempre o nome dos povos indígenas no singular e com inicial em máscula, como está convencionado pela Associação Brasileira de Antrólogos em reunião de 14 de Novembro de 1953.

belicosos. Mesmo assim conseguiram reunir mil e quinhentos índios e levá-los para São Paulo, onde teve início a aldeia de Barueri ⁶.

Realizaram-se, a partir dessa data, várias missões pelo litoral sul, chegando até às terras que compreendem actualmente o Rio Grande do Sul. Mas as dificuldades enfrentadas eram enormes: o mar que, nessa região, apresenta-se bastante perigoso devido às correntes e aos ventos do sul, as baixas temperaturas no Inverno e a costa que, em muitos pontos, apresenta-se abrupta em face da presença da Serra do Mar junto à praia. A par destas dificuldades geográficas os Jesuítas tinham que enfrentar os mercadores de escravos e não tinham o apoio de colonos, nem de uma autoridade civil ou militar a quem apelar, já que ainda não existiam na região.

Esta acção por parte dos Jesuítas de estender a sua acção evangelizadora ao longo do litoral sul da América Portuguesa vai ser interrompida a partir do ano de 1637, quando da última expedição jesuítica, devido a diversos factores, nomeadamente: a intervenção dos colonos vicentinos, a presença dos mercadores de escravos que instigavam os índios contra os padres, a acção dos bandeirantes paulistas que começavam a chegar às terras dos Tapes e, ainda, à Restauração portuguesa, em 1640, que fez retornar os limites entre o território português e o espanhol.

Assim os Jesuítas decidem desenvolver de forma mais dinâmica a acção missionária nas regiões mais ao norte onde já se tinham implementado desde a sua chegada e tinham recebido apoio do poder político e civil. Nesse sentido foram criados vários Colégios no território do Novo Mundo, tal como tinha acontecido em Goa, na Índia, em 1543, procurando cumprir um dos principais ministérios dessa Companhia: « (...) ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso...».⁷

A missionação dos Ameríndios surge mencionada no *Regimento do Governo Geral* dado por D. João III, em 1548, ao primeiro Governador desse território. O monarca português sentia a responsabilidade da missão que lhe cabia de converter os povos daquele território descoberto e agora colonizado, aumentando assim, os adeptos do catolicismo no mundo, afirmando que «A principal causa, que me moveu a mandar

⁶ Cfr. Serafim Leite, (1038/45, tomo VI, p. 233.

⁷ Cfr. *Ratio Studiorum*, 1952, p. 118.

as ditas terras do Brasil, foi para que a gente delas se convertesse à nossa Santa Fé Católica ⁸».

Papel importante, mesmo positivo, apesar de várias falhas e questões que se possam levantar, foi desempenhado pelos Jesuítas e pelos seus Colégios que foram preparando uma elite intelectual que se distinguiu no Brasil da época e em épocas posteriores. Colégios também importantes para a formação da sociedade brasileira laica, que não dispunha de outra forma de ensino, e para a conversão do gentio.

A Companhia de Jesus ao implantar-se no Brasil preparou intérpretes e catequistas para a conversão do gentio, aprendeu a língua indígena, o *tupi*, a denominada «língua geral de costa», ajudou os próprios Jesuítas a prepararem-se cientificamente, dotou a Igreja do Brasil de clérigos mais instruídos e enriqueceu o país de homens mais capazes, polidos e até mais cristãos. No entanto, a acção dos inacianos foi ou tem sido sujeita a críticas, nomeadamente as dirigidas aos métodos de ensino e à obtenção de muitas rendas, além da questão sobre a escravatura negra.

Os Colégios dos Jesuítas contribuíram, sem duvida alguma, para melhor preparação do clero, e para a catequese dos Ameríndios. Criados no Brasil, não só pela vontade dos inacianos, mas também por solicitação do próprio Rei D. Sebastião e do Bispo da Bahia, D. António Barreiros, os Colégios marcaram a formação do clero que permaneceu no Brasil e assim, de certa forma a própria sociedade da época, sobretudo os indígenas catequizados pelos membros saídos dos Colégios.

Com os Jesuítas frequentavam os estudos alunos de fora, e na verdade foram estes colégios os primeiros estabelecimentos de educação pública no longo período de dois séculos, criando-se neles também as primeiras bibliotecas no espaço brasílico. Ali reuniam-se os filhos de colonos e os “curumins”, os meninos ameríndios.

Desde a fundação da Companhia que o espírito de ensino estava inerente. Efectivamente, e conforme estipulado na bula *Regiminis militantis Ecclesiae*, de 27 de Setembro de 1540, do papa Paulo III, que criava oficialmente a Companhia, era-lhes consignada, « *a pregação, exercícios espirituais, obras de caridade e, em especial, a instrução religiosa da juventude.* » E, em Portugal essa missão foi seguida com a abertura de cerca de 25 aulas em colégios diferentes, acabando por ficar praticamente com quase todo o ensino nas suas mãos, dirigindo-se a todos os grupos sociais, puderam

⁸ Cit. in Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. II, Lisboa-Rio de Janeiro, 1938, pp. 140-143.

escolher os seus estudantes, e assim os futuros membros da Companhia. São de referir o de Santo Antão, em Lisboa (1553), o do Espírito Santo, em Évora (1553) e o antigo Colégio das Artes, em Coimbra que passam a dirigir em 1556.⁹

O primeiro Colégio a ser fundado no território brasileiro foi o Colégio da Bahia, no ano de 1556, quando o Padre Manuel da Nóbrega voltou do sul tendo desistido de ir ao rio da Prata, atendendo à importância da cidade e ao seu poder económico. Teve origem modesta no Colégio dos Meninos de Jesus, fundado em 1549, à semelhança dos colégios de órfãos de Portugal. Funcionava, nos primeiros tempos, em casas precárias, construídas de taipa e cobertas de capim, dentro dos primitivos muros da cidade do Salvador. Sobre a sua fundação escrevia o Padre José de Anchieta:

« (...) o Padre Manuel da Nóbrega (...) se foi à Bahia, levando consigo alguns irmãos, no ano de 1556, e dali por diante se começou ali o estudo da gramática mais de propósito aos irmãos da Companhia, e ordenou que aquela casa fosse collegio no ano de 1556, com algumas terras e vacas que tinha, o qual depois se dotou para 60 irmãos por el-rei D. Sebastião, no ano de 1565.»¹⁰

A dotação real era de três mil cruzados de renda anual, mas que nem sempre os oficiais pagavam o que levava às dívidas dos Padres do Colégio, que o próprio Padre Fernão Cardim, que chegou a ser Reitor lastimava nos seus *Artigos* dirigidos ao monarca sobre os problemas que existiam no Brasil da sua época. Mas, ainda segundo a opinião de Cardim, na sua *Narrativa Epistolar*, sustentavam-se bem de mantimentos,

«O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras adonde fazem os mantimentos; residem nelle de ordinario sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos...».¹¹

Cardim descreve o Colégio da Bahia como sendo de grande prosperidade e muito devoto. É seu este testemunho, quando da sua visita em 1583,

«Os padres têm aqui collegio quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais delles têm as janellas para o

⁹- Cfr. Arlindo Rubert, *A Igreja no Brasil*, vol. I, Santa Maria, Liv. Ed. Pallotti, 1981, p. 145.

¹⁰- Idem, *ibidem*, p. 333.

¹¹- Cfr. Fernão Cardim, « Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica », in *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, op. cit., pp. 144-145.

mar. O edifício é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. (...) A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e thuribulo de prata, uma boa custódia para as endoenças, uitos e devotos painéis da vida de Christo e todos os Apostolos. Todos os tres altares têm doceis, com suas cortinas de tafetá carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes relíquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota.»¹²

Mas, a prosperidade do Colégio era evidente ainda na riqueza da quinta, pela qual a admiração deste jesuíta é notória na descrição que faz da quinta da qual os padres retiravam muito do seu sustento. Esta quinta era a quinta do Tanque, que actualmente é conhecida pela quinta dos Lázaros, situada no arrebalde de Brotas, a uma légua da cidade da Bahia. Aí viveu o padre António Vieira os últimos dias de vida, depois de ter sido aluno e professor no mesmo Colégio. Na mesma carta em que Cardim dava conhecimento da visita, ao Padre Provincial em Portugal, temos acesso a mais uma das descrições cheias de cor, e até "cheiro" dos textos cardinianos, que não deixa de comparar constantemente com Portugal, mostrando que o *Brasil não era mais do que outro Portugal*:

« A cerca é muito grande, bate o mar nella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa água com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores d'espinho, parreiras de Portugal, as quaes se as podam a seus tempos, todo o anno estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agração. (...) Legumes não faltam da terra e de Portugal; bringellas, alfaces, couves, aboboras, rabãos e outros legumes e hortaliças, Fóra de casa, tão longe como Villa Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andaré um bom navio; anda cheio de peixes (...) e no tanque entram algumas ribeiras de bôa agua em grande quantidade. »¹³

No Colégio da Bahia havia escola de ler, escrever algarismo, duas classes de humanidades, cursos de Artes, onde se formaram alguns mestres de casa e de fora, segundo o testemunho de Anchieta,

« (...) Nele ha de ordinario escola de lêr, escrever algarismo, duas classes de humanidade, leram-se já dois cursos de artes em que se fizeram alguns mestres de

¹²- Idem, ibidem, p. 144.

¹³- Idem, ibidem, p. 144.

casa e de fóra, e agora se acaba terceiro. (...) A este Colegio estiveram subordinadas todas as casas das capitancias até que houve outros colégios, e agora não são mais a ele subordinados, que as de Ilhéus e Porto Seguro. » ¹⁴

Tal, como na maioria dos outros Colégios, que os Jesuítas fundaram no Brasil, e segundo os testemunhos destas duas figuras que marcaram tanto a formação do Brasil, as matérias escolares ensinadas no Colégio da Bahia eram: ler e escrever, Latim e Algarismo, Artes, Matemática e Teologia. O curso de Artes, ou seja o estudo de Filosofia e de Ciências, que só era criado em alguns colégios, foi iniciado, em 1572, no Colégio da Bahia, no qual se inscreveram logo alguns clérigos. Em 1576 já eram 16 os alunos externos, entre os quais havia bom número de aspirantes a ordens sacras. ¹⁵ Em 1578 já três alunos recebiam o título de Mestres em Artes. Ainda em 1575 tinha tido início o Curso de Teologia para externos, no qual se inscreveram cinco clérigos. Mas nesses cursos era frequente inscreverem-se também alunos externos, Cônegos e Dignidades do Cabido da Bahia, muitos vigários e curas em toda a costa e alguns pregadores, além de ensinarem ainda Casos de Consciência aos numerosos clérigos de Pernambuco. ¹⁶

O Colégio de São Paulo de Piratininga, foi fundado em Janeiro de 1556, com conselho e parecer do Padre Manuel da Nóbrega, aplicando-lhe toda a fazenda móvel e de raíz que havia na capitania de São Vicente que pertencesse à Companhia. São do Padre José de Anchieta as referências a este Colégio:

« A casa de São Paulo de Piratininga como foi princípio de conversão, assim também o foi dos Colégios do Brasil. (...) em Janeiro de 1556 com seu parecer e conselho fez o Padre Nobrega daquela casa colegio, aplicando-lhe toda a fazenda móvel e de raíz que havia na capitania de São Vicente que pertencesse à Companhia.

Ali houve sempre estudo de latim para os irmãos da Companhia e uma lição de casos que lhes lia o Padre Luiz da Grã até ao ano de 1561, no qual se mudou o estudo para a vila de São Vicente.» ¹⁷

Neste Colégio distinguiu-se por muitos anos o Padre José de Anchieta, como professor de latim e educador. Apesar de ter a mesma categoria do Colégio da Bahia este não conseguiu alcançar a prosperidade daquele, pois as condições eram

¹⁴- Cfr. José de Anchieta, op. cit., p. 334.

¹⁵- Cfr. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, op. cit., vol. I, pp. 76-81.

¹⁶- Cfr. Arlindo Rubert, op. cit., pp. 184-186.

diversas, e a capitania da Bahia era mais importante e próspera. Foi mais tarde, em 1561, transferida, provisoriamente, para São Vicente, retornando a São Paulo para se reduzir ao curso elementar da formação de coadjutores jesuítas e de alguns elementos de fora e foi fechado em 1640, face à expulsão dos jesuítas da vila de São Paulo, devido aos conflitos entre os padres da Companhia e os colonos, para ser reaberto treze anos depois.

Em todos os Colégios havia o curso elementar, onde se ensinava a ler, escrever e a contar. Seguia-se depois o curso de Gramática ou de Humanidades. Neste curso predominava o latim, que era estudado com afinco, dentro da mentalidade humanística do século XVI, sendo usado nos exercícios escolares e nas disputas públicas. Havia também estudo da língua tupi, enquanto o estudo do grego e o hebraico eram poupados aos alunos do Brasil. As aulas decorriam de manhã e à tarde, com duas horas de duração em cada meio-dia.

Terminado o curso de Letras seguia-se o das Artes ou Filosofia, em que se estudava a Lógica, Matemática, Física, Metafísica e Ética. Este curso era frequentado pelos candidatos ao professorado, aos cursos universitários e ao sacerdócio. Para os sacerdotes, foi também introduzido o curso de Teologia, que se dividia em Teologia Moral, com lições de Casos, e em teologia Especulativa ou Dogmática. Quanto à duração dos cursos, enquanto que o de Artes durava três anos, o de Teologia durava quatro anos.

Os Colégios dos Jesuítas eram verdadeiros centros de cultura que possuíam uma ótima biblioteca, bem como uma botica, que atendia a todos os doentes. Mas eram, igualmente, instrumentos de missionação dos ameríndios e de manifestação de poder da coroa portuguesa como forma de consolidar a presença na região. Foi o caso dos Colégios da Bahia e de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Este último, o Colégio do Rio de Janeiro, denominado de S. Sebastião foi outro Colégio estabelecido, ainda no século XVI, depois da expulsão dos Franceses e fundada a cidade do Rio de Janeiro, em cuja empresa a actuação dos Jesuítas foi importante. Sobre a direcção do Padre Manuel da Nóbrega, fundou-se em 1567, o, como o testemunha o Padre José de Anchieta:

« O Colégio do Rio de Janeiro, que se fundou e dotou para cinquenta por El-Rei D. Sebastião no ano de 1567. Nele houve sempre escola de ler, escrever e

¹⁷- Cfr. José de Anchieta, op. cit., p. 333.

algarismo, uma classe de latim e lição de casos de consciência para toda a sorte de gente e para aqui, como dito é, se mudou o primeiro colégio que houve em S. Paulo e S. Vicente: a este colégio estão subordinadas as casas de S. Vicente e S. Paulo de Piratininga e a do Espírito Santo. (...) 18»

Cardim faz igualmente uma descrição do Colégio da cidade do Rio de Janeiro, fruto da sua visita como Secretário do Padre Cristovão de Gouveia, em 20 de Dezembro de 1584, situado no chamado "morro do Castelo", antes denominado o "morro do castelo de S. Januário", os Padres tinham ali o melhor sítio da cidade no dizer de Cardim,

« Os padres têm aqui melhor sítio da cidade. Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janelas: têm começado o edifício novo, (...) Portugal em abundância: o refeitório é bem provido de necessário; (...) e residem nella de ordinario 28 padres e irmãos afóra a gente, que he muita, e para todos ha. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar: quanto ao espirital se parece na observancia, bom concerto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal.» 19

Este Colégio foi dotado por D. Sebastião para cinquenta, com uma renda anual de dois mil e quinhentos cruzados, pagando-se os 2.000 na Bahia, ainda que mal e tarde, e os quinhentos na Capitania do Espírito Santo.²⁰ Os Padres sustentavam-se ainda com os alimentos que extraíam da quinta e com cabeças de gado que dispunham, sustentando-se muito bem, segundo o testemunho de Cardim.

Viviam nesse Colégio, à data em que Cardim escreveu as suas *Informações*, vinte e quatro, sendo apenas dez Padres e os demais eram Irmãos. Ocupavam-se tal como nos outros Colégios da Companhia, de uma lição de casos de consciência, uma classe de gramática aonde estudavam 10 ou 12 meninos e alguns de casa, e uma escola de ler e escrever com cerca de 30 meninos, filhos de Portugueses.

O Colégio tinha ainda a seu cargo duas aldeias de Índios cristãos: a de S. Lourenço, que ficava a uma légua da cidade defronte do Colégio, para onde se ia por

18- Cfr. Pe. José de Anchieta, op. cit., pp. 334-335.

19- Idem, ibidem, p. 171.

20- Idem, ibidem, p. 429.

mar e onde residiam três Padres da Companhia e a de S. Barnabé, que distava da cidade sete léguas e por mar. Nas duas aldeias existiam quase 3.000 Índios. ²¹

Outro Colégio fundado ainda no século XVI, foi o Colégio de Pernambuco que principiou por volta de 1568 com uma escola elementar, acrescentando-se mais tarde o curso de latim e o curso de Teologia Moral, em vista do elevado número de clérigos. Nessa época chegou mesmo a contar 92 alunos, dos quais, 32 no curso de humanidades e 70 no elementar. ²²

O Colégio de Pernambuco também estava situado em lugar eminente, de bom prospeto, num edifício velho, com dezanove camaras, onde viviam 20 membros da Companhia, dos quais 11 eram Padres, e os restantes eram Irmãos. Recebiam de dotação mil ducados por parte de D. Sebastião. ²³ Tinham uma lição de casos, uma classe de gramática e uma escola de ler e escrever. Nesse Colégio, além das lições de casos, outros estudos de grau superior, devendo os alunos que os quisessem continuar ir à Bahia ou ao Reino.

Colégios importantes que foram preparando uma elite intelectual que se distinguiu no Brasil da época e em épocas posteriores. Mas Colégios também importantes para a formação da sociedade brasileira leica que não dispunha de outra forma de ensino, e para a conversão do gentio, que era sem dúvida uma das principais missões dos Jesuítas no Brasil.

Papel importante, mesmo positivo, apesar de todas as falhas que possamos considerar que tiveram, os Jesuítas e os seus Colégios livraram a Colónia da barbárie da ignorância e do crasso analfabetismo, prepararam intérpretes e catequistas para a conversão do gentio, estimularam a língua indígena, ajudaram os próprios jesuítas a prepararem-se cientificamente melhor, dotaram a Igreja do Brasil de clérigos mais instruídos e enriqueceram o país de homens mais capazes, mais polidos e mais cristãos.

Papel que os colégios jesuíticos representaram como centros de cultura, de evangelização e de controlo moral das colónias portuguesas e espanholas. De facto, apesar dos colégios da América Portuguesa dos do Paraguai divergirem na sua fundação. Os da América Espanhola foram instalados em cidades já fundadas, com uma população

²¹- Idem, *ibidem*, p. 429.

²²- Cfr. Arlindo Rubert, *op. cit.*, pp. 250-251.

²³- Cfr. José de Anchieta, *op. cit.*, p. 419.

urbana bem desenvolvida que necessitava dos colégios para a educação dos seus filhos.²⁴

Entre as críticas que se podem mover a favor ou contra os Jesuítas, sentimos, cada vez que os estudamos e compreendemos melhor, que o seu ensino, apesar da contestação de alguns dos métodos pedagógicos utilizados, dado que se aproveitavam do gosto evidenciado pelos Ameríndios para os rituais. Cativando os “curumis”, os meninos ameríndios, os padres jesuítas ensinavam-lhes os valores cristãos e afastavam-nos das suas tradições ancestrais. Mas protegiam-nos, por outro lado, das perseguições e da escravidão defendida por muitos colonos. Ensinavam-lhes a doutrina cristã, mas ensinavam-lhes igualmente as artes. As magníficas obras de arte, na arquitectura, escultura e música, das reduções espanholas, foram trabalhos de milhares de índios a serviço dos padres jesuítas.

Acção fundamental que teve o seu ponto crucial, sem dúvida, na actuação através dos Colégios, mas não devemos descurar toda a acção dos membros da Companhia de Jesus na expansão da acção missionária por outros meios e outras regiões.

No caso da região sul da América Portuguesa, e tal como já foi apresentado no início deste trabalho, o interesse dos Jesuítas era muito grande e apesar da sua acção ter sido interrompida, eles estavam presentes quando os Portugueses alcançaram as áreas do rio da Prata, instalando, em Janeiro de 1680, a Colónia do Sacramento. A expedição de Manuel Lobo leva consigo dois padres jesuítas, os Padres Manuel Pedroso, na condição de Superior da Casa e do Colégio a ser fundado, e Manuel Álvares, que irão estabelecer-se nessa Colónia. Precisamente uma das duas casas a ser construída, uma era a dos inacianos.

No entanto, meses depois quando do ataque dos espanhóis, em Agosto desse mesmo ano, os jesuítas foram feitos prisioneiros e levados para Buenos Aires. Mas a Casa foi fundada e ocorre nos documentos como *Residência do Rio da Prata* e *Residência da Nova Colónia dos Portugueses* ²⁵. Esta casa estava dependente do Colégio do Rio de Janeiro e tinha como missão atender os colonos e aos militares ali sediados, bem como tentar praticar a catequese dos indígenas das proximidades e dos escravos, quer fossem índios ou negros, existentes na praça forte.

²⁴ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *op. cit.*, p. 71.

Mas os inacianos encontravam nesta região platina mais do que os perigos e dificuldades habituais. Tinham que se confrontar com os jesuítas espanhóis. Ainda que, da mesma Companhia, defendiam interesses diferentes. Os jesuítas lusos defendiam os interesses portugueses que se concentravam especialmente na conquista definitiva das terras ao norte do rio da Prata. Por sua vez os jesuítas espanhóis, liderando os índios missioneiros e apoiando os castelhanos, ajudavam a expulsar os portugueses das terras que consideravam como espanholas.^{26/27} Casas dos Jesuítas foram queimadas durante o período da Guerra da Sucessão Espanhola (1700–1715) nessa região, por exemplo.

Após a paz de Utreque, assinada em 1715, a Colónia passa para as mãos dos Portugueses e a colonização intensificou-se sendo instalada uma nova residência, ainda dependente do Colégio do Rio da Janeiro. Dois anos depois veio-se a transformar no Colégio de São Francisco Xavier e aí eram ministradas aulas de catequese, ensinadas as primeiras letras e as Humanidades.

O colégio tinha o apoio das autoridades e da população local, podendo atender a todos graças aos subsídios régios e às doações particulares que recebia. Mas foi fruto da constante situação de instabilidade que se viveu nessa região. Em cada ataque os seus terrenos eram assolados e acabaram parte das suas alfaias nas mãos dos espanhóis quando da sua expulsão do império português, pelo Marquês de Pombal, no ano de 1759.

Por esse colégio passaram figuras importantes da Companhia de Jesus como, entre 1730 e 1740, os padres Diogo Soares e Domingos Capacci, eminentes matemáticos que foram, a pedido do governador António Pedro de Vasconcelos, fazerem o levantamento astronômico e geográfico da região. O primeiro traçou os mapas *Grande Rio da Prata na América portuguesa e Austral* e *Carta Topographica da Nova Colónia e Cidade do Sacramento no Grande Rio da Prata*. Nas suas cartas ao monarca português D. João V este cientista evidencia a importância da comunicação do Rio Grande com a Colónia do Sacramento, considerando esta região de máxima importância para Portugal por sua potencialidade económica e pela posição estratégica em face da presença das missões espanholas existentes na região.

²⁵ Cfr. Serafim Leite, tomo VI, p. 543.

²⁶ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *op. cit.*, p. 24-25.

²⁷ Em 3 de Janeiro de 1683, Manuel Lobo escreve ao monarca português fazendo graves acusações aos jesuítas espanhóis que tinham acompanhado os índios das reduções nos ataques à Colónia. Vide Serafim Leite, tomo VI, p. 541.

Considerava esse inaciano que se devia povoar o Rio Grande e o seu sertão, manifestando temor pelo desamparo da barra e comentava «(...) *que fortificado aquele rio, terá esta Praça (Colônia do Sacramento) mais prontos e mais à mão os subsídios, crescerá, com a comunicação, o comércio; e com a extracção dos frutos, os negócios e as alfandegas.*»²⁸

O Padre Domingos Capacci também desenvolveu um intenso trabalho, executando levantamentos, sondagens e estudos no local da futura fortaleza no Rio Grande. Era patente a preocupação dos Portugueses para a necessidade de povoamento da região do Rio Grande para garantir a presença lusa na Região Platina.

Tal como no norte do território os inacianos demonstraram uma tenaz resistência em aceitar os acordos luso-espanhóis que delimitaram as fronteiras entre os dois impérios coloniais na América.

Força dinamizadora os Jesuítas desempenharam, apesar de todas as polémicas e questões que se possam levantar, um papel crucial na construção do Brasil. O conceito de missão não se restringia exclusivamente à actividade evangelizadora. Nos seus Colégios, como já foi aqui abordado, os inacianos continuavam a responsabilizar-se pela dupla função de evangelizar o gentio e de cuidar da educação dos colonos. Não se dedicando predominantemente à formação de quadros da Companhia, os cursos ministrados nesses Colégios, inclusive os de artes e de Teologia, atendiam um grande número de alunos externos, conferindo aos padres jesuítas quase que o domínio do sistema educacional da América Portuguesa.

A acção dos Jesuítas não ficou apenas na área da catequese e da evangelização através da educação. Preocuparam-se com a missão dos Ameríndios e em salvá-los dos ataques constantes dos mercadores de escravos e levando-os para os aldeamentos de São Paulo e do Rio de Janeiro, no caso concreto da região sul do território. Assim aconteceu diversas vezes com os Carijó (Guarani). Buscavam catequizá-los e prepará-los para a “vida civilizada”. Procura-se tornar o índio num cristão e num homem, aos moldes europeus. Teria que deixar a sua vida semi-errante, adquirir hábitos de monogamia, de abandonar a poligamia, de criar hábitos de sedentarização, de gostar de uma actividade produtiva, de aceitar a existência da propriedade privada, de viver numa sociedade organizada aos padrões ocidentais. Teria

²⁸ Cfr. Serafim Leite, 1945, tomo VI, p. 526, cit. in Beatriz Vasconcelos Franzen, *op.cit.*, pp. 26-27.

de gostar de deixar de consumir o “cauim” durante dias seguidos e de praticar os seus rituais de antropofagia. Teria que viver segundo os padrões europeus e cristãos.

E se se cumprisse o presságio de Pero Vaz de Caminha quando termina a sua Carta a el-rei Dom Manuel, “(...) *desta terra o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente E esta deve ser a principal semente que Vossa alteza em ela deve lançar.*»²⁹

Ainda que procurando alcançar objectivos semelhantes transformando os Ameríndios em cristãos e em “homens europeus”, os meios utilizados vão ser diferentes por parte dos inacianos ibéricos. Se os Jesuítas Portugueses criaram os “aldeamentos” os Espanhóis criaram as “reduções”, como tão bem explicou Beatriz Franzen na sua tese de doutoramento.³⁰

O aldeamento foi considerado « (...) *como a instituição mais importante da política indigenista real portuguesa, pois tinha por objectivo a instrução, conversão e civilização do índio bem como protegê-lo contra a privação da liberdade e os maus tratos*»³¹, e neles os índios eram cristianizados segundo os princípios da Igreja e da Coroa Portuguesa, recebendo o treinamento necessário para se transformar numa mão-de-obra activa e imprtante. Mas também numa forma de combate. Tal como tinha sucedido na defesa da baía de Guanabara, quando do ataque dos Franceses, para a criação da França Antártica, em 1555, e na Bahia quando do ataque dos Holandeses em 1624 e anos depois na reconquista dessa região, os Ameríndios são utilizados como flecheiros e canoeiros. Aliás procura-se mesmo despertar neles o espírito guerreiro e de combate entre os seus contrários, os Tapuia. Seguindo essa política os Padres buscavam o auxílio dos Índios no seu caminhar para o sul do território, ao longo do litoral até o Rio Grande do Sul actual. Mas também os jesuítas espanhóis utilizaram em 1735 / 1737, por coação do cerco espanhol à Colónia do Sacramento, cerca de três mil índios missioneiros como forças auxiliares às tropas de Buenos Aires.

O índio é descido das suas tabas, aldeias ameríndias, para os aldeamentos jesuíticos, enquanto que nas reduções espanholas é o padre que vai ter com o índio e

²⁹ Cfr. Pero Vaz de Caminha, *Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, Pub. Europa-América, 1987, p. 97.

³⁰ Vide sobre esta temática a tese de doutoramento de Beatriz Vasconcelos Franzen defendida, em 1998, na Universidade de Lisboa e publicada com título *Os jesuítas Portugueses e Espanhóis e sua acção missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640)*, São Leopoldo, 1999.

instala-as longe dos colonos, no próprio habitat do selvícola. Por um lado protege-os dos encomendeiros sempre prontos a escravizá-los, mas por outro lado afasta-os das relações com os colonos e até com outros índios e negros.

É que, o aldeamento não funcionava, tal como a redução como uma unidade económica auto-sustentável, pois dependia do apoio dos Colégios Jesuíticos e do trabalho dos aldeados que eram ensinados a desempenhar uma tarefa. Tinham apenas uma faixa de terra onde eram plantados os alimentos necessários à subsistência. Por exemplo, os Aldeamentos de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, dependiam do Colégio do Rio de Janeiro. Estes, por sua vez, possuíam fazendas onde a actividade agropecuária era desenvolvida, atendendo, precisamente, às necessidades dos colégios e das aldeias dependentes, utilizando mão-de-obra escrava negra.³²

As reduções tinham a sua própria produção agrícola, desenvolvida na própria redução, onde se cultivavam os cereais, cana-de-açúcar, tabaco e algodão, à indústria extractiva de produção da erva-mate, ao gado criado nas vacarias e estâncias e até à produção industrial de ferramentas e instrumentos musicais, além das obras de arte. A produção excedente era na sua maioria comercializada com os centros urbanos mais próximos, Buenos Aires, Assunção e Corrientes e até exportada para a Europa. Uma verdadeira máquina “capitalista” ao serviço da fé de Cristo e da sua difusão entre os Ameríndios.³³

Aldeamentos ou reduções eram espaços geográficos onde os Ameríndios estavam confinados e se num caso, sujeitos aos contactos com os colonos, e outros ameríndios, contagiando-se com imensas doenças, como o sarampo, gripe e varíola, que segundo muitos especialistas, foram causa de grande mortandade entre os selvícolas, em outros casos isolados puderam ter um desenvolvimento próprio, sem estarem sujeitos ao permanente contágio de doenças, mas mais isolados de outros contactos.³⁴

³¹ Cfr. Georg Thomas, *Política indigenista dos portugueses no Brasil. 1500-1640*, p. 65.

³² Vejam-se os diversos trabalhos publicados sobre esta temática por Jorge Couto, desde a dissertação da tese de mestrado sobre os bens dos Colégios dos Jesuítas no Brasil e a sua apropriação depois da expulsão pelo Marquês de Pombal.

³³ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *Os Jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Oaraguai (1580-1640). Um estudo comparativo*, São Leopoldo, Editora Unisinos, 1999, pp. 184-193.

³⁴ Cfr. John Manuel Monteiro, *Negros da Terra. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 42-51.

Mesmo no traçado geográfico os aldeamentos divergiam das reduções³⁵. Enquanto que os primeiros foram edificados como as aldeias do Reino, o que facilitou a sua integração após a expulsão dos inacianos, em vilas e povoados, algumas actuais cidades, como Niterói, no Rio de Janeiro e Embu, em São Paulo, as reduções ficaram reduzidas a ruínas, ainda que monumentais, como Trinidad e Jesus, no Paraguai, Santo Inácio Mini, na Argentina e São Miguel, no Brasil.

Mas se a acção dos aldeamentos jesuíticos não teve o papel grandioso das reduções espanholas, o mesmo não aconteceu com as fazendas criadas pela Companhia. Foram os grandes centros de produção jesuítica na América Portuguesa.³⁶ Eram uma unidade económica que produzia alimentos, formava mão-de-obra especializada e fornecia as rendas necessárias para atender aos colégios, às casa e aos aldeamentos por ela sustentados. No caso da fazenda de Santa Catarina, no Rio de Janeiro, possuía mesmo de um aldeamento, onde estava incluída uma aldeia indígena, a taba de Itaguaí. Dispunham de pequenas carpintarias, ferrarias, oficinas de tecelagem e de oficinas artesanais. Tudo isto orientado pelos padres jesuítas que ao mesmo tempo se preocupavam com a catequização dos indígenas.

Semelhantes ou diferentes os aldeamentos, as reduções e as fazendas tiveram uma importância muito grande na implementação dos valores ocidentais na América Portuguesa e Espanhola e no caso concreto dos aldeamentos jesuíticos edificados no Brasil inseriram-se na estratégia lusitana de consolidação e ampliação dos Portugueses nesse território.

De facto a estratégia lusitana de consolidação e ampliação da América Portuguesa assentou, do ponto de vista geopolítico, em um tripé: na escolha da Bahia – região central na época quinhentista – para sede do Governo-Geral; na fundação de São Paulo, base estabelecida no planalto de Piratininga, que constituía uma cunha para a penetração na região platina, e, finalmente, na criação do Rio de Janeiro, cidade que assegurava o domínio efectivo da baía da Guanabara, essencial, por um lado, para manter a ligação entre as capitanias do Norte e do Sul e, por outro lado, através do sertão, com São Paulo, reforçando, desse modo, a segurança de ambas as povoações.³⁷

³⁵ Vejam-se os trabalhos realizados por Ramon Gutierrez, no estudo arquitectónico das missões, sobretudo na obra, *As missões jesuíticas dos Guaranis*, Rio de Janeiro, Unesco, 1987.

³⁶ Cfr. Beatriz Vasconcelos Franzen, *Jesuítas Portugueses e Espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais*, São Leopoldo, Editora Unisinos, 2003, pp. 45-46.

³⁷ Cfr. Jorge Couto, *op. Cit.*, p.365.

